



LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM
SAÚDE
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A percepção social da gagueira

Estevão Olympio Abril

Rio de Janeiro

2013

Estevão Olympio Abril

A percepção social da gagueira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde
Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível
Médio em Saúde com Habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientadora: Filippina Chinelli

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

(Profa. Filippina Chinelli, – FIOCRUZ/EPSJV/LATEPS)

(Profa. Anna Violeta – FIOCRUZ/ EPSJV/LATEPS)

(Prof. Flávio Paixão – FIOCRUZ/EPSJV/LABORAT)

Rio de Janeiro

2013

RESUMO

O estudo busca compreender como pessoas possuidoras de distúrbio de fluência, comumente denominado gagueira, percebem e convivem com a maneira pela qual os grupos sociais nos quais estão inseridos – familiares, escolares, religiosos, de vizinhança, de trabalho, etc. -- encaram o que é via de regra, visto como um problema que pode dificultar o convívio social, as relações afetivas e profissionais, sendo inclusive em nossa sociedade alvo de estigma. Com base em levantamento bibliográfico e documental, pretende-se tratar do tema de um ponto de vista sociológico, com ênfase na questão do estigma.

Palavras-Chave: Estigma. Preconceito. Disfemia. Sociedade.

Agradecimentos

À minha orientadora, que se dedicou e teve tanta paciência em me ajudar a fazer esta monografia.

À minha mãe, pelas dicas e sugestões.

Ao meu amigo Gabriel Gomes, que me emprestou diversos materiais que abordavam o tema.

A todos que colaboraram de alguma forma na minha formação profissional

SUMÁRIO

Introdução.....	05
Capítulo 1. A disfemia no ponto de vista sociológico: gagueira e estigma.	08
Capítulo 2. Gagueira na infância.....	11
Capítulo 3. O espaço virtual: uma maneira de expressão dos gogos através de sites e blogs.....	14
5. Considerações finais	22
6. Referências.....	23.

Introdução

Esta monografia tem como objetivo mostrar que a gagueira não constitui apenas um distúrbio da fala de origem psicomotora, mas é também um problema que pode ser explicado em termos sociológicos. Note-se que a percepção social deste distúrbio é construída como preconceito e encarada como algo que não se enquadra nos padrões considerados "normais" da fala. Nos mais diferentes contextos sociais, a gagueira motiva piadas, risadas e chacotas, constituindo-se em estigma que não só pode causar sofrimento psicológico, como com muita frequência dificulta o cotidiano do indivíduo, inclusive no que se refere à obtenção de emprego, sobretudo aqueles que exigem comunicação direta com o público.

"Gagueira é uma perturbação da fala, de origem psicomotora, que se caracteriza por repetição de sons e sílabas ou paradas involuntárias, ou seja, por interrupção da fala por inseguranças. Excitações e bloqueios em todas as situações de comunicação, inclusive na leitura. Gaguejar diante do chefe, ao apresentar uma desculpa pelo atraso é muito diferente de fazê-lo na rotina do dia-a-dia, ler um texto em voz alta ou pedir pão na padaria".

(<http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/gagueira/>)

Esta é basicamente uma definição de gagueira, na qual o autor a considera uma maneira de fala irregular e involuntária: a pessoa que gagueja não tem controle da sua fala e não consegue evitar a ocorrência da gagueira. Na ótica de nossa sociedade, costuma-se associar a gagueira quase sempre a uma situação em que o indivíduo se encontra em estado de nervosismo, e, em consequência, gagueja.

De fato, o estado emocional do gago tem bastante influência na produção do distúrbio da fala, mas não é o único fator determinante. O fragmento acima transcrito mostra que há casos em que a gagueira é disparada por situações estressantes como, por exemplo, dirigir-se a um chefe ou ler publicamente um texto em voz alta. Contudo, conforme já se apontou acima, este distúrbio de fluência pode acarretar consequências sociais muito graves para seus portadores que se manifestam através de preconceitos que os estigmatizam.

O motivo da escolha desse tema foi o fato de ser eu mais um portador desse distúrbio, que também influenciou a escolha do tema. Através deste trabalho, pretendo contribuir de alguma forma direta ou indiretamente para a ampliação do conhecimento sobre a gagueira, visto que seus portadores enfrentam grandes problemas na vida social. Existem casos extremamente graves: conheci pessoas que gaguejavam tanto a ponto de levarem minutos para dizerem seu próprio nome. É possível adivinhar as dificuldades que esse tipo de pessoa enfrenta em seu convívio social. Imagine-se, então, um indivíduo com esse grau de gagueira em uma entrevista de emprego, dando algum tipo de informação, querendo tirar dúvidas, ou ainda na escola, onde certamente será vítima do *bulling*.

Comparando o meu tipo de gagueira com alguns que já presenciei, considero-a como um tipo intermediário. Não gaguejo pouco, mas também não gaguejo em todas as situações. Contudo, mesmo assim, enfrento problemas no meio social em que estou inserido, sobretudo na escola, onde preciso falar em público constantemente, quando, em geral sou tomado por uma grande expectativa e ansiedade. As pessoas esperam o que você tem a dizer e você faz alguns gestos estranhos com a boca, piscando os olhos e esforçando-se para apenas falar e não é entendido. Você deve pensar: “Falar é uma coisa tão fácil”. No caso dos gogos, trava-se uma luta enorme entre a informação que se quer transmitir e a dificuldade de expressá-la, o que se torna cada vez mais intenso à medida que nervosismo aumenta.

Algumas pessoas conseguem superar a gagueira. O primeiro ministro inglês Winston Churchill¹ ensaiava todos os seus discursos públicos até atingir a perfeição a fala. Também ensaiava respostas para possíveis perguntas e críticas, a fim de evitar a gagueira. Alguns conseguem simplesmente aceitar e conviver com a gagueira sem muitas dificuldades; outros conseguem gaguejar bem menos através de tratamentos especializados (de custo muito alto, por sinal). As possibilidades de tratamento disponíveis não são, portanto, acessíveis a todos, podendo essa dificuldade, em muitos dos casos, gerar depressão. Atualmente existem diversas procedimentos de cura ou de atenuação do distúrbio, derivados de pesquisas que há muito tempo vêm sendo realizadas visando encontrar uma solução para o problema. Contudo, a incerteza a respeito ainda é

¹ Winston Churchill teve dois mandatos: 1940-1945 e 1951-1955.

muito grande (FRIEDMAN, 2012), visto que nenhum estudo teve sua eficácia confirmada.

Cabe ressaltar que a gagueira é um distúrbio antigo, existindo sobre ela relatos desde os tempos bíblicos. Há quem diga que o personagem bíblico Moisés era gago: “Então disse Moisés: Ah Senhor! Eu não sou eloquente, nem o fui dantes, nem ainda depois que falaste ao teu servo; porque sou pesado de boca e pesado de língua” Êxodo 4.10.

Nem sempre a gagueira e outras características individuais como a cor da pele, por exemplo, foram encaradas da mesma forma. Conforme a época, as culturas, as ideologias dominantes e os costumes, variam as maneiras como as sociedades humanas e os diferentes grupos de uma mesma sociedade lidam com essas questões. O preconceito pode ser mais ou menos explícito em função da sociedade, da cultura ou do meio social em que o indivíduo vítima deste preconceito está inserido. Por exemplo, a cor da pele é alvo de preconceito muito mais explícito em países como os Estados Unidos quando se compara ao Brasil.

Além da introdução e das considerações finais, esta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, relaciona-se o conceito de estigma de maneira ampla com a gagueira, objetivando expor a indissociabilidade entre os dois. No segundo capítulo, tomando a infância como um momento importante, visto que pode definir características que permanecem na subjetividade de um indivíduo, buscou-se mostrar como uma ideologia impregnada na sociedade, que dita um padrão de fala com fluência perfeita, se manifesta na infância; fazendo com que pais corrijam constantemente a fala natural da criança (que pode ser gaguejada) e, dessa forma, mesmo que inconscientemente, prejudicando-a. No terceiro capítulo, com base em sites e blogs que sejam relacionados à gagueira, realizou-se uma análise de depoimentos de pessoas que gaguejam e de como estas encaram/encaram o seu distúrbio da fala. Também são expostas as situações em que a sociedade age de maneira preconceituosa devido aos rótulos negativos criados para com os indivíduos portadores da gagueira.

Capítulo 1

A disfemia no ponto de vista sociológico: gagueira e estigma. Identidade social real e virtual

Para Friedman (2004) a gagueira constitui uma incógnita e é analisada apenas em suas manifestações externas, deixando-se de lado os aspectos sociais nela implicados. Nesse sentido, procurou-se até aqui mostrar que a gagueira não se limita a fatores fisiológicos, mas trata-se também de um fenômeno social e como tal pode ser analisado em termos sociológicos. Recorre-se para tanto ao conceito de estigma.

O estigma pode ser definido como o resultado de uma relação entre os atributos e identidades que uma pessoa possui e as normas e regras que estabelecem o que é considerado "normal" e aceito no meio em que vive. Existem distintos tipos de "diferenças" pessoais e sociais que implicam na classificação do indivíduo como estando fora do que se considera normal, sendo, portanto, de alguma forma socialmente excluído e alvo de estigma e preconceito. Constituem exemplos às deformidades corporais, as doenças mentais e algumas morbidades como a lepra. Neste estudo, este problema de oralidade é analisado com base no conceito de estigma, tal como formulado por Erving Goffman (1891, pág 6).

“Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”.

Como apontado acima, a disfemia é alvo de muito preconceito por parte da sociedade. As pessoas costumam ver o gago no Brasil em uma ótica depreciativa, associando inferioridade e preconceito ao indivíduo portador do distúrbio. Acontece que

o gago não fala de maneira irregular, mas de maneira diferente. O problema está justamente na visão que uma determinada sociedade tem de um atributo, podendo estigmatizar seus portadores. Para exemplificar, podemos citar a percepção da AIDS em dois continentes América Latina e África. Em algumas regiões da África, numa perspectiva religiosa, a AIDS é vista como uma doença causada por deuses em pessoas que haviam cometido o que é considerado como pecado. Não obstante, existe uma crença nesses territórios de que a doença só é curada se o indivíduo contaminado tiver relações sexuais com uma mulher virgem, o que elevou em decorrência disso, ao aumento dos estupros de menores de idade (http://www.terra.com.br/saude/aids/nomundo_africa.htm, acesso em 11/02/2014). Já na América Latina, mesmo que as pessoas que possuem AIDS sofram preconceitos, ainda assim, ele se dá de forma bem menos intensa, já que o tratamento da doença se dá em bases científicas.

Conforme Link & Phelan (2001), Goffman distingue duas identidades sociais: a virtual e a real. Essa diferença vem à tona quando a sociedade exige e espera que o indivíduo diferente atinja e consiga se enquadrar em um padrão social. A identidade social real está ligada ao que o sujeito realmente é e pode fazer; a virtual é o que a sociedade impõe, determinando como deve ser. No caso da gagueira, por exemplo, a identidade social real do gago caracteriza-se pela interrupção na fala, e a virtual, imposta pela sociedade, determina uma fluência perfeita e sem interrupções.

É importante ressaltar que os próprios estigmatizados, inseridos na mesma cultura, com as mesmas crenças e valores; aceitam – inconscientemente, o estigma, já que realmente introjetam o que é definido pela sociedade "como normal". Como forma de se aproximar cada vez mais dos “normais”, os estigmatizados acabam se submetendo a tratamentos com profissionais para corrigirem uma suposta imperfeição. É o caso de gogos que gastam muito dinheiro com tratamentos com fonoaudiólogos, buscando atingir a perfeição da fala.

Melo (2000) também destaca que na opinião de Goffman, o estigma produz no indivíduo uma imagem deteriorada de si. O sujeito estigmatizado é sempre prejudicado, independente da circunstância que propicia a constituição do estigma e cria alguns mecanismos de forma a negar, amenizar ou escapar do estigma. A sua identidade real sofre deterioração por não se incluir no que a sociedade considera normal e natural,

engendrando, então, um complexo de inferioridade. O indivíduo é reduzido a um ser cuja fala não se enquadra nos padrões de normalidade socialmente estabelecidos. Muitos gogos têm a sua identidade deteriorada na medida em que sofrem por não conseguirem arrumar um emprego, falar em público, serem sociáveis etc.

As relações sociais são de fundamental importância para uma melhor compreensão de como a gagueira é estigmatizada na sociedade. Na opinião de FRIEDMAN (2001, pág. 25), a “ideologia do bem falar circula na sociedade e produz nas pessoas uma visão ou crença de que a fala saudável deve ter pouca ou nenhuma disfluência”. Essa ideologia é determinante no que diz respeito ao surgimento de gogos estigmatizados e normais fluentes. Em geral, as teorias sobre a gagueira a apresentam como um problema estritamente orgânico. Note-se, porém, que os gogos não gaguejam quando falam com crianças, sozinhos ou com animais, o que invalida o fato de o distúrbio se restringir somente a fatores físicos, sem considerar o funcionamento do psiquismo diante de certos valores, crenças e ideologias presentes na sociedade. Enquanto o sujeito fluente se preocupa com a maneira com que vai falar, a pessoa que possui gagueira se preocupará apenas em falar, e essa relação pode causar uma pré-disposição para a disfluência da fala já que quando o sujeito não se preocupa com a fala, a gagueira praticamente desaparece.

Há um tipo de gagueira que é comum a todos e às vezes é mais intensa ou não, a depender de fatores emocionais (nervosismo), motores (cansaço) ou cognitivos (falta de familiaridade com o assunto, falta de vocabulário etc.). Diferentemente, a gagueira que gera sofrimento é caracterizada pela tensão e expectativa negativa do falante criada antes de falar, provoca e aumenta bastante o distúrbio. A gagueira, dessa maneira, pode gerar muitos embaraços na vida social do gago.

1.1. A construção da gagueira como doença

Desde a antiguidade buscava-se conhecer das causas da gagueira. Na Grécia antiga considerava-se que gagueira era um problema derivado da aspereza da língua. No século XIX, associou-se o distúrbio a problemas no aparelho fonador cuja solução se daria através de uma cirurgia plástica complexa de remodelação da boca e da garganta, o que levava a frequentes mutilações. Acreditava-se também que amarrando um peso na língua

ou colocando próteses, a fluência poderia ser aperfeiçoada. No século XX, começaram a surgir às hipóteses psicogênicas das quais derivaram terapias comportamentais para solucionar um suposto problema neurótico. Porém, com o avanço dos estudos, constatou-se que não há relação entre os traços de personalidade decorrentes do convívio entre pais e filhos com a gagueira (<http://www.gagueira.org.br/arquivos/anatomo-fisiologia.pdf>, acesso em (10/02/2014))

Existem também algumas concepções que consideram o distúrbio como algo aprendido. É o caso da “gagueira na infância”. Os pais, mesmo que bem intencionados, prejudicam muito o filho quando pedem que ele corrija a sua maneira natural de fala gaguejada. Isso pode criar na criança um sentimento de culpa por gaguejar e tensão na hora da fala, visto que ela sempre vai se esforçar para falar como os pais recomendam. Esse estresse emocional acaba gerando as interrupções na fala. Isso pode ser muito prejudicial porque pode imprimir na subjetividade da criança dificuldade em lidar com o problema e, em consequência, fazer com que a gagueira perdure durante a vida. Se o distúrbio não for encarado de forma adequada nesse período da vida, a chance de se tornar um adulto gago é bem maior.

2. Gagueira na infância

Para Friedman (2004, pág 56),

“O significado do rótulo gago não se cria nem se restringe a relações interpessoais particulares, que são vividas, mas é produto de uma ideologia mais ampla, que pertence ao grupo social no qual os indivíduos que a veiculam estão inseridos. Esse rótulo compreende a gagueira como um estigma, como algo indesejável. Então, não se trata simplesmente de rotular a forma de fala como gagueira que gera sentimentos negativos e produz a gagueira. Trata-se principalmente de uma reação de não aceitar a forma de falar da criança por julgá-la como gagueira, o que traz para a cena o conteúdo socio-histórico de tal rótulo e reproduz seu significado nas relações entre as crianças e os outros, atingindo-a”

A infância é uma das fases mais importantes na vida de uma pessoa, período em que começam a se estruturar comportamentos e subjetividades que o indivíduo desenvolve ao longo da vida. Não é diferente com a gagueira. Veremos a seguir o porquê.

O aparecimento da gagueira geralmente se dá na infância quando as chances de ser tratada com sucesso são maiores. Ela ocorre mais frequentemente entre as idades de 2 e 5 anos, fase de desenvolvimento de as suas competências linguísticas. “Cerca de 5% de todas as crianças vão gaguejar por algum período de sua vida, com duração de algumas semanas a vários anos. Os meninos são duas vezes mais propensos a gaguejar do que as meninas; à medida que envelhecem, no entanto, o número de meninos que continuam a gaguejar é três a quatro vezes maiores do que o número de meninas. A maioria das crianças superam a gagueira, mas cerca de 1% permanece gaguejando de maneira crônica” (Stuttering National Institute on Deafness and Other Communication Disorders. NIDCD. NIH Pub. No. 10-4232. <https://www.nidcd.nih.gov/health/voice/pages/stutter.aspx>, acesso em 05/02/2014) Percebe-se assim que esse distúrbio merece toda a atenção durante a infância, o que permite compreender o problema em sua origem. A gagueira pode permanecer durante toda a vida de uma pessoa ou não. Estudos epidemiológicos na América (<https://www.nidcd.nih.gov/health/voice/pages/stutter.aspx>, acesso em 05/02/2014)

constatarem que cerca de três milhões de americanos gaguejam, e que ela afeta pessoas de todas as idades.

Em grande parte das sociedades existe um padrão de fala considerada correta: as pessoas se esmeram em falar sem nenhuma interrupção, irregularidade e com fluência perfeita. Todo e qualquer tipo de fala que não corresponda a esse padrão não é considerada "normal". Isto se torna prejudicial para as crianças na medida em que os pais (que são figuras proeminentes para a criança) bem intencionados, mas por falta de conhecimento, corrigem seus filhos (geralmente dizendo "pare", "respira", "fala devagar" "repete tudo de novo sem gaguejar") quando estes falam da maneira diferente do que é considerado "bem falar", corrigindo, inclusive, com frequência, a forma espontânea de falar das crianças. Se ela vivenciar essa correção constante durante o seu desenvolvimento, há possibilidade de acarretar grande tensão e medo ao falar, podendo implicar em sentimento de inferioridade. Segundo Friedman (1986, 1998, 2001, 2004), esse movimento de consciência associado a um padrão de fala alterado poderá gerar uma *imagem de mau falante* ou uma *imagem estigmatizada de falante* que passará a caracterizar a subjetividade da criança FRIEDMAN (2001, p. 136). Para Wendel Johnson (apud Goldfeld, 1998), a causa da gagueira é uma avaliação errada dos pais diante da disfluência expressa pelo filho.

É importante lembrar que a criança não terá problemas somente no convívio familiar, mas em todas as relações sociais em que estiver inserida, sobretudo na escola, podendo muitas vezes ser alvo de piadas, brincadeiras e *bulling*. Assim como na infância, as relações sociais em que o adolescente está inserido são fundamentais para a compreensão mais aprofundada das diferentes frequências e intensidades da gagueira, principalmente na vida escolar.

Em que medida e quando o gago pode ser prejudicado em sua vida acadêmica? A gagueira interfere no rendimento escolar? Como ficam as relações interpessoais no que tange ao convívio escolar? Além da família, a escola constitui o primeiro círculo social da criança. Nela, passa a ter experiências inéditas com pessoas diferentes. Aprende a conviver em grupo, trabalhar em equipe, prestar contas, fazer provas e uma série de obrigações que servem como uma forma de preparação para a vida adulta. Neste sentido, a adolescência se torna muito importante na vida de uma pessoa na medida em que terá significativos reflexos em sua subjetividade.

No tocante ao rendimento escolar, estudos científicos comprovam que o gago não tem dificuldade de aprendizado. Todavia, a dificuldade e a desvantagem vêm à tona quando é preciso falar com o professor, apresentar trabalhos, participar de um debate, fazer perguntas e dialogar com os companheiros de classe. O convívio escolar, portanto, pode ser bastante afetado, sobretudo na adolescência, quando as relações sociais se intensificam. O portador da gagueira é geralmente uma pessoa muito calada, e só fala quando é necessário por receio de gaguejar e se tornar alvo de *bullying* no colégio, o que pode causar a sua exclusão social.

Apesar de haver estudos com aplicação de instrumentos de última geração, atualmente não se tem uma resposta que apresente uma solução para a gagueira, visto que, a sua causa – que seria fundamental ser encontrada -, ainda não o foi de forma definitiva. Diversas áreas do conhecimento (medicina, psicologia, fonoaudiologia) buscam respostas a partir de suas diferentes óticas e teorias, mostrando que o problema não se restringe apenas à fonoaudiologia como a maioria pensa, mas é algo multidisciplinar. Contudo, nenhuma delas é prontamente aceita pela comunidade científica porque não apresentam respostas concretas e indubitáveis, fazendo com que, em consequência, se chegue à conclusão, por enquanto, de que a gagueira é um problema multicausal.

Capítulo 3

O espaço virtual: uma maneira de expressão dos gagos através de sites e blogs

Atualmente o espaço virtual tem desempenhado um papel fundamental no sentido de viabilizar o compartilhamento de informações no âmbito mundial. Numa procura em sites e blogs que tratam de gagueira, houve dificuldade em achar depoimentos de pessoas que gaguejam. Essa situação mostra o fato de a gagueira ser um tema ainda bastante desconhecido inclusive pelas próprias pessoas portadoras do distúrbio de fluência. Entendendo que os sites e blogs são uma eficaz ferramenta de sociabilidade e, portanto ricos em informações importantes para uma análise de caráter sociológico, são transcritos a seguir alguns depoimentos de pessoas que gaguejam, tendo como objetivo mostrar as dificuldades que um indivíduo enfrenta no meio social em que está inserido enquanto sujeito gago.

A ideia de fazer uma análise de blogs veio da monografia da ex-aluna Hadassa Moraes de Faria da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, que realizou uma análise de pessoas que possuíam anorexia através de sites e blogs.

A narrativa de Gabriella aponta para a possibilidade de superação da gagueira. Após sofrer devido ao seu distúrbio, fez tratamentos com fonoaudiólogo, simpatias e tomou alguns medicamentos. Essas são as medidas tradicionais que os gagos utilizam de modo a atenuar as interrupções na fala. A cura nem sempre é bem sucedida, sobretudo quando o problema é tratado após a infância. Mas existem métodos que aperfeiçoam a fluência.

"Me chamo Gabriella, tenho 26 anos e sou gaga desde os 12 anos de idade, gagueira esta adquirida por causa até hoje não descoberta. Para uma criança que estava acostumada a falar em público, de repente se ver gaguejando sem conseguir dizer o seu nome, este era o fim, mas não: era apenas o início de inúmeras mudanças. Aos 14 anos, tive que optar por uma profissão e sem dúvida nenhuma optei por aquela que era meu sonho: Magistério! Mas como ser uma professora sendo gaga? Confesso que foi um caminho muito difícil, cheios de preconceitos, choro, vontade de desistir, mas também foram momentos de aprendizagem e de novos conhecimentos. Fiz tratamento com fonoaudióloga, tomei medicamentos, fiz simpatias, enfim, tudo o que me falavam ser a cura eu fiz. Algumas adiantaram outras não. Hoje, algum tempo depois do início deste dilema, posso dizer que não estou curada e acredito que nunca ficarei curada. O que ocorrem são melhoras, momentos de fluências, uma vida mais tranquila depois que aceitamos esta condição e

passamos a ver isso não como um problema mas sim como uma chance de crescer. Hoje sou professora da Educação Infantil há dois anos, atuo como Regente de um coral infantil no Colégio da Imaculada e cantora de eventos.

Se sou feliz sendo gaga? Respondo que sim! Claro, busco sempre melhorar cada dia mais, através de tratamentos, mas acima de tudo agradeço a Deus a oportunidade de ser gaga, pois foi devido a isso que eu pude perceber o quanto sou forte e persistente naquilo que quero. Para finalizar deixo apenas uma frase: ACREDITE EM SEUS SONHOS! NUNCA DEIXE DE SONHAR!"² (Prof^a Gabriella Rodrigues).

O depoimento a seguir também mostra o quanto às escolas, os professores e a sociedade em geral são ignorantes no que diz respeito às implicações da gagueira. O reflexo disso pode ser visto nas atitudes erradas que a maioria das pessoas tomam. No caso de Émerson, que já pensou em não ir mais pra escola devido ao *bullying* sofrido, não só os alunos dão risadas como o próprio professor.

“Sou gago e já pensei em deixar de ir à escola por causa do *bullying* que sofro todo dia nas aulas. O que me deu força para continuar foi um vídeo que vi no *youtube* com depoimentos de alunos gagos. Foi uma grande descoberta para mim. Achei que estava sozinho no mundo. Ser gago é uma das coisas mais difíceis que um adolescente pode enfrentar. Na minha turma, sou zoadado o tempo todo como uma aberração. Apesar de ser um aluno estudioso, tirar boas notas e me comportar bem em sala de aula, quando tenho que apresentar trabalho na frente, até o professor fica rindo de mim. As pessoas no Brasil precisam receber mais informações sobre gagueira. Poucas escolas pensam na gagueira como uma deficiência legítima, mas elas precisam aprender. Quem sabe assim, com uma sociedade mais informada, eu poderia viver de forma menos triste e defensiva (Emerson Ferraz)³.

Como Émerson bem colocou, não só as escolas, mas a sociedade não pensa a gagueira como uma deficiência. Apesar de a legislação brasileira não considerar a gagueira como uma deficiência, a Organização Mundial da Saúde (OMS) entende do ritmo da fala e a inclui em seu manual de Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). Também consta do CID-10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Porém, esse reconhecimento não possibilita ao gago prestar concursos para as vagas reservadas para deficientes, o que implica em mais uma desvantagem que se soma aos diversos obstáculos enfrentados pelo indivíduo gago na competição na sociedade.

Um livro-depoimento de um professor chileno de 48 anos, com o título “*Bullyng, eu Sobrevivi!*”, em que explora os aspectos subjetivos de sua experiência com a gagueira.

² <http://mundogagueira.blogspot.com.br/>. Acesso em 01/12/2011

³ <http://bullyingnaoembrincadeira.com.br/2012/03/preciso-de-um-depoimento-sobre-bullying-e-gagueira/> Acesso em 01/12/2013.

De forma simples e clara, ele retrata os problemas que enfrentou em sua vida escolar, conforme relata na entrevista transcrita a seguir:

Quando o senhor percebeu que a gagueira seria um grande problema em sua vida?

No início, me utilizava dela para chamar a atenção, mas, com a chegada da escola e diante de outras crianças, ficou difícil.

E o *bullying*, quando surgiu?

No início escolar.

Além das gozações, houve algo mais, como agressões físicas, por exemplo?

Como sempre fui robusto, e por minha posição fechada aos outros, acredito que inibia qualquer agressão física.

Como o *bullying* afetou seu desenvolvimento socioeducacional?

A falta de convívio social levava a um quadro de isolamento.

Qual era a reação de seus pais perante seu sofrimento? E dos professores?

Como não costumava expressar claramente esse problema com meus pais, eles não encaravam como problema. Quanto aos professores, eles preferiam não se envolver.

Ser estrangeiro tornou o problema ainda maior?

Com certeza, pois o sotaque acentuava ainda mais o desconforto.

Quais os piores momentos pelos quais o senhor passou por causa do *bullying*?

O medo de me comunicar me levava a um estado de espera e ensaio, do tipo “vou não vou”, deixando escapar oportunidades.

Quando o senhor se deu conta de que era preciso dar a volta por cima?

Com a chegada ao mercado de trabalho, agora como professor de Educação Física, tive que enfrentar os alunos. Até hoje tenho que enfrentar o preconceito do mercado de trabalho.

Se pudesse escolher, o senhor optaria por não nascer gago ou acredita que essa é uma característica que lhe rendeu aprendizado para outros aspectos de sua vida?

Aprendi a superar dificuldades e tive experiências de aprendizado muito ricas pelo fato de ser gago. Sou reconhecido profissionalmente, mas é claro que o mundo é mais fácil para aqueles que se enquadram no que chamamos normalidade. Se tivesse que escolher entre ser ou não ser gago, seria como escolher entre ser e não ser eu.

Como veio a decisão de escrever um livro sobre sua experiência com o *bullying*?

Com a chegada do tema *bullying* na mídia, começou uma corrida de explicações, a maioria delas muito bem baseadas em fenômenos sociais e números estatísticos, o que, de certa forma, afastava ainda mais as vítimas dos relacionamentos. Então, incentivado pela minha esposa, que sempre me viu enfrentar os desafios, resolvi escrever dando um novo ponto de vista, de quem está envolvido diretamente e sofre as consequências.

O senhor acredita que o livro ajudará também quem sofre *bullying* por outros motivos que não a gagueira?

A gagueira é um entre inúmeros processos que levam ao *bullying*, mas acredito que a proximidade emocional das vítimas tenha sempre um mesmo ponto de encontro, buscando a superação. Assim, tanto os que sofrem *bullying* como aqueles que convivem com eles podem se orientar lendo minhas experiências, e assim facilitar, ajudar e superar, aquilo que eu chamo no livro de ressuscitar, pois muitas vezes as pessoas morrem emocionalmente.

Assim como as pessoas que gaguejam são estigmatizadas, há quem possua outros tipos de diferenças como, por exemplo, deformidades corporais, fraquezas de caráter e abominação de atos. Essas pessoas são consideradas erradamente como “diferentes”, e sobre essa diferença, Goffman (1975:148) sinaliza que “normais e estigmatizados são perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro” Com base nessa citação do autor, percebe-se que o estigma é construído socialmente, através do imaginário humano. Considerando essa concepção de estigma como resultado da interação social, a ótica preconceituosa da sociedade não só com a gagueira, mas com qualquer atributo que seja considerado “diferente” - e, portanto, estigmatizado; se configura como um empecilho na melhoria na qualidade de vida dos sujeitos que sofrem por causa do preconceito, quando na verdade estes poderiam realizar, sem problemas, as atividades que os “normais” realizam.

O depoimento a seguir mostra o quanto à gagueira se torna alvo de estigma e, portanto, atitudes equivocadas e preconceituosas por parte dos considerados “normais” da fala são tomadas com constância.

“Descobri que “gaguejava” quando comecei a dar importância para a visão dos outros, quanto a minha maneira de falar”. Precisamente aos 08 anos de idade, percebi que as pessoas me olhavam de outra maneira; na grande maioria rindo, quando eu estava me expressando. E isso me incomodava, e ficava com vergonha de falar.

"A única pessoa que sabe o que é, realmente, a gagueira é o próprio gago" (Van Ripper).

"A gagueira ainda é uma ferida não cicatrizada. É difícil o ser humano aceitar a conviver com as suas limitações; e comigo não é diferente. É como receber um tapa no rosto, sem saber o motivo. Há 05 anos, tinha dificuldade de relacionar-me com as pessoas, cheguei ao ponto de isolar-me das mesmas, pensando que desta maneira iria me libertar das angústias que me acompanhavam no ato da comunicação oral com o outro.

Graças a Deus, com terapias psicológicas, consegui reverter essa situação. O desrespeito e o constrangimento sempre estavam presentes mediante a minha pessoa, causando um transtorno psicológico e social, sentia-me desfavorecida com os métodos avaliativos, e angustiada por todas as situações em que era exposta.

Devido à falta de informações que o corpo técnico tinha sobre a gagueira, não tinham como orientar os docentes acerca deste distúrbio de comunicação, e os demais professores não sabiam lidar comigo, até mesmo por causa da falta de orientações.

Na maioria das vezes, me isolava no meu "cantinho", pois ele era o meu colega de sala de aula, entrava na sala de aula calada e saía muda. .

A educação requer amor, sensibilidade e consciência, e todos esses requisitos não tive no Ensino Fundamental, Médio e Superior, e escolhi o referido curso para lutar por uma educação igualitária que dê oportunidades para todos, onde o amor, a sensibilidade e a consciência possam prevalecer; e não permitir que nenhuma criança com dificuldade na comunicação ou qualquer outra diferença sejam discriminadas e excluídas no *locus* educacional e social, situações essas em que um dia vivenciei.

Precisamos de uma sociedade justa, onde a igualdade e o respeito possam prevalecer. Não queremos receber rótulos e rejeição, queremos RESPEITO acima de tudo. Possuímos apenas um distúrbio na comunicação oral; nada que interfira diretamente na inteligência, criatividade, caráter, potencialidade e sensibilidade.

A gagueira não é empecilho para almejarmos os nossos objetivos, pois quem dificulta o nosso crescimento profissional, é a sociedade que faz a nossa limitação, colocando as suas regras. Apresentei quatro seminários, mas os mesmos me deixavam constrangida perante os colegas de classe, foi quando resolvi não apresentar seminário, haja vista que a Inclusão na prática não ocorre. Sabemos que para profissionais da educação, existem inúmeras formas para avaliar, não sendo a apresentação oral a forma única. No final do 1º semestre/07, uma docente que diz usar os princípios pedagógicos fundamentados em Paulo Freire, que sabemos que foi um grande educador, e que não merece o desrespeito de vários docentes por não ter na prática o discurso propagado, passou um seminário. Uns dos pilares da educação segundo o educador Freire é a Autonomia que os alunos devem ter em relação ao docente. Procurei a referida professora explicando que não apresentaria o seminário porque estava insegura, devido minha dificuldade de comunicação oral, e pedi para ser avaliada de outra forma. Ela solicitou uma síntese de um livro; até então não sabia a espessura do mesmo. Fui à biblioteca, emprestar o referido autor, quando vi a espessura do livro, fiquei sem ação (220pag). Resolvi dialogar com a professora, perguntei se não poderia ser feito em dupla com outra colega que não apresentou o seminário; haja vista que o seminário era constituído por 06 (seis) pessoas, onde em conjunto entregaria uma síntese do que foi apresentada no seminário, ela respondeu: "Você teve a sua autonomia de dizer que não iria apresentar o seminário, e estou colocando duas opções: você apresenta o seminário ou faz a síntese do livro sozinha. Ou você também tem dificuldade de leitura e escrita?". Confesso que a atitude dessa professora me levou a concretizar que a educação pública precisa de uma qualificação urgente, e a questionar, que educação é essa, ou melhor, que país é esse?"(Rafaela Gomes Silva)⁴.

A consequência da ignorância da sociedade com respeito à gagueira se manifesta na atitude ostensiva do professor diante da impossibilidade da apresentação de um seminário por Rafaela Gomes devido à sua gagueira. O jornal estadunidense The New York Times publicou em 10 de outubro de 2011 um caso semelhantemente ao anterior, em que um aluno que foi ridicularizado pela sua fala gaguejada.

⁴ <http://www.abragagueira.org.br/forumonline.asp?id=5> Acesso em 01/12/213.

Randolph, New Jersey (EUA) – Na faculdade do Condado de Morris, enquanto assistia a uma aula sobre a descoberta e exploração do Novo Mundo, Philip Garber Jr. levantou a mão no intuito de perguntar por que os exploradores chineses do século 15, cujas expedições chegaram a atingir a África, não alcançaram também a América do Norte. Ele manteve sua mão erguida durante boa parte dos 75 minutos de duração da aula, mas a professora não o chamou. Ela já havia dito a ele para não falar durante suas aulas.

Philip, um adolescente precoce e confiante de 16 anos de idade, está fazendo dois cursos universitários neste semestre e tem muito a dizer, mas ele também tem uma gagueira muito severa, que dificulta sua fala e torna praticamente impossível dizer as coisas de forma rápida. Depois das duas primeiras aulas, em que ele participou ativamente, a professora de história, uma adjunta chamada Elizabeth Snyder, enviou um email pedindo a Philip para fazer perguntas somente antes ou depois da aula, “para não prejudicar o tempo dos outros alunos”.

Em relação às questões que costuma dirigir à turma durante as aulas, a Sra. Snyder sugeriu: “Acredito que seria melhor para todos se você mantivesse uma folha de papel em sua mesa e escrevesse as respostas” [em vez de respondê-las oralmente]. Mais tarde, comenta Philip, ela falou para ele: “Sua gagueira é perturbadora”.⁵

Em todos os casos expostos aqui através de depoimentos de pessoas portadores da gagueira, as atitudes tomadas pelas pessoas apontam para a necessidade de uma conscientização em massa da sociedade no sentido de mostrar a dimensão que a gagueira e todas as suas implicações sociais têm. “A maioria das pessoas nada entende de gagueira, e a ignorância sobre o assunto pode provocar reações descabidas” (BOHNEM, 2005)

⁵ <http://gagueira.files.wordpress.com/2013/12/aluno-professora-intolerc3a2ncia-nyt-reportagem-gagueira-philip-garber-diag2011-final.pdf> Acesso em 13/12/2013.

5. Considerações finais

Nesta monografia, a gagueira foi colocada de maneira abrangente e bem diferente do que a maioria das pessoas pensam, tendo por finalidade contribuir no sentido de desmitificar o senso comum que considera a fala gaguejada como errada, irregular, inconveniente e engraçada; buscando, dessa forma, demonstrar a seriedade que a gagueira e suas implicações sociais têm. É necessário que a sociedade entenda o padrão de fala fluente como algo construído socialmente, e, portanto, é passível de ser modificado contanto que haja uma conscientização em da população, objetivando atenuar o preconceito decorrente dos estereótipos e rótulos que definem o gago como um ser incapaz verbalmente, já que não se enquadra no padrão imposto pela sociedade e consequentemente ocasiona a manifestação do estigma em pessoas disfluentes. As pessoas precisam estar cientes da existência de uma ideologia do bem falar, fruto da exigência social fomentada pela disputa do mercado de trabalho.

Como conclusão, pode-se afirmar que a disfluência ainda é um tema muito desconhecido pela sociedade, e esse desconhecimento causa malefícios para as pessoas que possuem a gagueira, como pode ser visto através da leitura dos depoimentos de pessoas que foram afetadas pela ignorância da sociedade no que diz respeito à complexidade da gagueira. A percepção social da gagueira e de outros atributos que são alvos de estigma é fundamental na medida em que se torna uma eficaz ferramenta auxiliadora dos tratamentos, não se restringindo tão somente a fatores fisiológico-patológicos.

Referências

CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 2010.

CIF. Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde 2010.

FRASER, Malcolm. **Auto cuidado para pessoas com gagueira**. Bahia: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2008.

FRIEDMAN, Silvia. **A construção do personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1994.

FRIEDMAN, Silvia; CUNHA, Maria Claudia. **Gagueira e Subjetividade: Possibilidades de Tratamento**. São Paulo: Artmed Editora Ltda, 2001.

GOFFMAN, Erving. 1975

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

GONZALES, Lucia Maria; CHIARI, Brasília Maria. **Gagueira: Etiologia, Prevenção e Tratamento**. Rio de Janeiro: Pró-fono, 2005.

NIDCD - Stuttering. National Institute on Deafness and Other Communication Disorders. NIH Pub. No. (10-4232) (atualizado em março de 2010)

RAMIREZ, Claudio. **Bullyng, eu Sobrevivi!**. São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2008.